

## **A REPRESENTAÇÃO DO EXÍLIO EM "LA CANCIÓN DE NOSOTROS" DE EDUARDO GALEANO.**

Neiva Fernandes - UNIJUÍ - RS

*Quizá mi  
única noción de patria  
sea esta urgencia por decir Nosotros  
quizá mi única noción de patria  
sea este regreso al propio desconcierto.  
(Mario Benedetti)*

Atrelado aos conceitos de expulsão, de expatriação e descontinuidade, o exílio descaracteriza identidades estáveis para reterritorializar mais tarde aquele que foi um dia sujeito em sua terra natal. O nômade, que assim o é por força de um Estado controlador e expulsor e que relativiza o movimento do banido, pode vir a ser tanto o estrangeiro de dentro como o estrangeiro de fora, o *Der fremde*, o estrangeiro por excelência.

A relação que existe entre essa temática e a literatura uruguaia é uma constante e vem sendo objeto de estudo da Literatura Comparada na América Latina. Nesse sentido, esse trabalho tem como objetivo a discussão da representação do exílio no livro *La canción de nosotros* do autor uruguaio Eduardo Galeano, escrito durante seu próprio exílio em Buenos Aires.

A obra trata de personagens que se configuram como os exilados de dentro, banidos socialmente e impedidos pelo regime militar de aceder a uma vida mais digna. Segundo o autor, a condição de exilado conduz à perda dos marcos referenciais, e às crises de identidades.

Embora se considere o exílio como um dos comportamentos humanos dos mais antigos que se tem conhecimento, sua problematização como fenômeno estético e literário compõe os

estudos a respeito do que chamamos "era da catástrofe"<sup>1</sup>, o que traz à luz a reflexão sobre o colapso da humanidade e a fragmentação do homem como resultado do desequilíbrio entre valores básicos de sobrevivência. As reflexões de Hannah Arendt traçadas nesse sentido se aplicam aos nossos dias e, portanto, sua análise referente ao assunto atualiza-se em termos de América Latina, já que a discussão em torno do exílio europeu nos anos pós-guerra traz para a nossa realidade a mesma condição de apátrida atribuída aos exilados do passado.

Por conseguinte, a questão que se coloca como consequência direta da estrangeiridade é o fato de esta afetar a condição de sujeito. É a negação de toda a certeza adquirida durante o jogo do carretel e do não retorno do objeto mítico conhecido. O exílio não permite que ocorra um tempo de mediação entre essa perda e a nova condição de sujeito, pois, este, não é mais o detentor do poder sobre a presença e a ausência. Dessa forma, o exilado é o banido involuntário a quem não lhe é permitido estabelecer as regras da inversão da ausência evocada na presença e vice-versa. A ele lhe é negada a simbologia necessária para tratar com as coisas do mundo, com “o mundo da negatividade, o qual constitui, ao mesmo tempo, o discurso do sujeito humano e a realidade do seu mundo enquanto humano.”<sup>2</sup>

Assim, conforme essas concepções, toda e qualquer representação pode ser vista como a própria linguagem posta em cena mediante eventos traumáticos.

A partir dos anos 70 a produção literária latino-americana dedicou-se à representação do exílio como fenômeno social. Isso se deve, em parte, ao contexto autoritário decorrente de regimes ditatoriais, cujas ações têm sido objeto de importante criação ficcional inspirada na realidade de grande parte dos escritores, em especial os hispano-americanos.

---

<sup>1</sup> HOBSBANW, Eric . *A era dos extremos. O breve século XX.* 2ª. edição, São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p.112.

<sup>2</sup> LACAN, Jacques. *O seminário. Livro 1. Os escritos técnicos de Freud.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor ,1986.p.201.

Originário do latim, *exilium*, o termo corresponde a quem sofreu a expatriação e ao rompimento prematuro com a realidade vivida. Segundo Deleuze e Guattari (1997) o afastamento da terra natal configura-se pela desterritorialização transformando o indivíduo em nômade que passa a movimentar-se para além fronteiras de seu território conhecido, perdendo as referências essenciais para a sua condição humana. Mas, que dizer, então, do homem que não se tornou nômade por vontade própria? Nisso reside sua relação com o exilado à força, na qual se percebe a mão do Estado, pois este, acima de tudo é o controlador, o expulsor, o que regula e relativiza o movimento do banido. Daí deduz-se que a ação desse Estado acaba distinguindo-se pela condição de estrangeiro que impõe ao exilado, pelo *status* de *fremd* que designa o diferente, e pelo *Der Fremde*, o estrangeiro que se diferencia por seus traços lingüísticos e culturais; é o resultado do *die Entfremdung*, do afastamento, da expulsão e que, por sua vez, caracteriza a quem foi banido politicamente, proibido de voltar ao país de origem, ou seja, o *Ausländer*, termo que designa o estrangeiro no sentido legal (Koltai, 2000).

A relação que persiste entre estes conceitos e o livro de Eduardo Galeano,, é que o exílio de suas personagens não se caracteriza apenas pela expulsão geográfica do Uruguai, mas principalmente pela condição marginal a que estão submetidas dentro do mesmo atribuindo-lhes o papel de protagonistas de uma tragédia cuja conseqüência é a perda de identidade e de referências pessoais na própria terra. O exílio não representa somente o banimento do país, mas também o banimento social imposto às personagens *Ganapán*, *Mariano* e *Buscavida*. Analisando o fato sob o ponto de vista da marginalidade econômica, Palaversich<sup>3</sup> afirma que “*los que permanecen adentro observan la transformación de la casa simbólica de un espacio amistoso en un espacio hostil*”.

---

<sup>3</sup> PALAVERSICH, Diana. *Silencio, voz y escritura en Eduardo Galeano*. Montevideo: Luis Retta Editor; 1995.p.35.

Com efeito, *La canción de nosotros* simboliza a perda de identidade, mas sobretudo, a desterritorialização a que se submetem suas personagens por conta de um regime que as impede de viver dignamente. A história narra a repercussão da ditadura uruguaia no cidadão comum. A volta de *Mariano* a Montevideú, depois de um tempo exilado voluntariamente em Buenos Aires, faz com que retome sua cidade natal através das lembranças de lugares conhecidos, resgatando memórias há muito adormecidas. *Buscavida* e *Ganapán* levam a vida enganando a miséria e a fome, vagando sempre à margem. O centro de Montevideú e os bairros de classe média não fazem parte de seus cenários habituais e o porto é o ponto identitário de onde vislumbram a cidade à qual só podem aceder na condição de marginalizados. Estrangeiros no próprio país têm o porto como lugar de partida e lugar de chegada. Constante exílio, movimento do nada para o nada que os torna exilados internos, nômades que buscam referências identitárias na sobrevivência do dia a dia.

O autor destaca a dupla estrangeiridade de *Ganapán* quando o descreve como um negro pobre vivendo às custas de biscates esporádicos. Juntamente com *Buscavida*, *Ganapán* não pode ter outra identidade senão a de mendigo no Uruguai branco. O estigma da cor e a condição econômica se reforçam no contexto autoritário que o impede de vir a ser sujeito um dia. O estatuto de subordinação a um sistema que o desconhece como ser humano acarreta o exílio involuntário e a consciência desse isolamento por parte de *Ganapán* o leva a tornar-se o nômade de dentro, que faz dele o andarilho sem rumo, deslocando-se entre vários pontos e sem destino certo, cuja existência é dificultada pelo fato de ser negro: “*Y yo caminé y seguí caminando. Siempre apurados mis piernas como si tuvieran algún lugar adonde ir o buscando*

*algún lugar que sea mi lugar y no encontrando. Caminé sin bajar los brazos, mundo arriba y mundo abajo, caminante, viviente, sobreviviente, con la desgracia haciéndome sombra”*<sup>4</sup>.

Na impossibilidade de conferir-lhes um *status* adequado à condição de sujeito, Galeano atribui às suas personagens papéis que não são estáveis, mas que lhes dão a transitoriedade necessária para remeter ao desamparo social, posto que não há lugar para elas no Uruguai de 70. *La canción de nosotros* é, sobretudo, uma retomada ao antigo, a casa, ao lugar conhecido e reafirma trajetórias sociais e políticas traçadas antes da ditadura, experimentadas pelas personagens, mas que ao mesmo tempo, deixam transparecer a experiência traumática vivenciada por muitos escritores hispano-americanos.

No ato de criar, principalmente durante o próprio exílio, o escritor busca não só recuperar a plenitude da palavra escrita que lhe fora negada na terra natal, como também, através dela, sintetizar a biografia e a ficção como se fosse uma conciliação entre esta e a realidade expressa por meio dela. É o instante em que reassume a plena autoridade sobre si mesmo, sem a perda do código antigo. Ele se torna, então, senhor de si por uns breves momentos. Até sair às ruas novamente.

---

<sup>4</sup> GALEANO, Eduardo. *La canción de nosotros*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana. 1975.p.138.